

Conte algo que não sei

'As pessoas estão desesperadas para reduzir a poluição'

Eva Pfannes, arquiteta

Alemã, que vive na Holanda, veio ao Rio para inaugurar projeto-piloto de reciclagem de água no Sítio Roberto Burle Marx, em Guaratiba

"Nasci na Alemanha, mas moro na Holanda, onde tenho um escritório de arquitetura e urbanismo. Trabalhei durante quatro anos no projeto-piloto de reciclagem de água chamado Água Carioca, que acabou de ser inaugurado no Sítio Roberto Burle Marx, em Guaratiba, e cuja pesquisa foi apoiada pelo Fundo Criativo Holandês."

ENTREVISTA A:

JÚLIA AMIN

julia.amin@oglobo.com.br



● Conte algo que não sei.

Há um movimento mundial que visa à limpeza dos rios, principalmente os que passam dentro das cidades. As pessoas querem poder mergulhar neles. Paris já faz isso com o Rio Sena, para a Olimpíada de 2024. Em Munique, o Isar tem águas caribenhas. Já imaginou poder mergulhar na Lagoa?

● Há 267 rios no Rio, e parece que as pessoas não prestam muita atenção neles.

A maioria foi aterrada, até o Carioca ficou escondido. As pessoas não tinham um relacionamento muito direto com a água, a não ser com o mar. Quando a poluição dos rios apareceu na praia e na Baía de Guanabara, isso ficou óbvio. Há uns 200 anos, pensávamos que a natureza era perigosa, que tínhamos que nos proteger dela. Agora, ficou claro que precisamos aprender com toda a sua complexidade. As pessoas estão desesperadas para

reduzir a poluição, e percebo isso principalmente nas comunidades onde os moradores estão diretamente expostos.

● Seu projeto apresenta uma solução para reciclar a água. Como funciona?

A água que sai do banheiro vai para um tanque séptico, onde há um primeiro tratamento. Tudo que é sólido é diluído e vira líquido. Esse líquido, muito nutriente na perspectiva de uma planta, vai para um filtro orgânico, que trabalha com plantas e areias. A água é purificada e levada a um reservatório, que também capta a água das chuvas. Ela pode ser reutilizada para lavar banheiros, carros, regar plantas... Não é preciso uma área muito grande, e o conceito é que um grupo de casas divida o mesmo filtro, o que permite a implantação em favelas como Salgueiro e Formiga.

● Sem tubulação de esgoto?

Problemas ambientais podem

ser solucionados sem a construção de tubulação de esgoto. Em todo o mundo, a estação de tratamento fica fora da cidade. Mas cada casa tem que se conectar à rede de esgoto, ou não há tratamento. Propomos um novo planejamento urbano, que trabalha para descentralizar o sistema vigente. Funciona não só para a água, mas também para a energia. Painéis solares são exemplos.

● Como natureza, tecnologia e arquitetura se relacionam?

Falamos muito em ecologia, termo introduzido por uma cientista alemã há 150 anos. Significa a economia de todas as relações dos organismos — plantas, animais, humanos, micróbios — com o mundo externo, aspectos sociais, técnicos, políticos e espaciais. E é com isso que a arquitetura e o urbanismo precisam lidar. A arquitetura tem um novo papel de mediar essas diferentes áreas e integrá-las. Deve ter em mente que o ser humano é uma

das partes desse sistema, mas não é o centro. A tecnologia pode fazer uso do que já existe de forma a apresentar soluções.

● O que mais chamou sua atenção quando veio ao Rio pela primeira vez, em 2003?

A natureza aqui é muito presente. Quando abri um mapa para ver isso, vi a cidade, mas sem as favelas. Havia milhares de pessoas morando ali, mas elas não eram representadas nos mapas. Fiquei chocada.

● Mais uma forma de exclusão.

Sim, mas já mudou muito. Na Maré e em Rio das Pedras, moradores estão mapeando as ruas. Claro que tem a ver com legalização da posse, mas é essencial para integrar os moradores informais à cidade formal. Lá funciona um sistema que tem estrutura política própria. Talvez as pessoas daqui achem violento, mas se desenvolveu porque não estava conectado com a outra cidade.